

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE APARTAMENTOS E CASAS DA CIDADE DE LONDRINA NAS DÉCADAS DE 60 E 70: O STATUS DE MORAR NAS ALTURAS

ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE LOS APARTAMENTOS Y CASAS EN LA CIUDAD DE LONDRINA EM LAS DÉCADAS DE 60 Y 70: EL ESTADO DE LA VIDA EN LAS ALTURAS

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN APARTMENTS AND HOUSES IN LONDRINA CITY IN THE DECADES OF 60 AND 70: THE STATUS OF LIVING IN THE HEIGHTS

Eixo temático 02 - O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto.

Amanda Malchiaffava Salvioni

Arquiteta e Urbanista, Mestranda pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Metodologia de Projeto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Estadual de Londrina / Universidade Estadual de Maringá, gestora de arquitetura e urbanismo no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Londrina.

Renato Leão Rego

Arquiteto e Urbanista, Doutor em arquitetura pela Universidade Politécnica de Madri, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Metodologia de Projeto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Estadual de Londrina / Universidade Estadual de Maringá.

Sidnei Junior Guadanhim

Arquiteto e Urbanista, Doutor em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, Docente do Programa de Pós-Graduação em Metodologia de Projeto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Estadual de Londrina / Universidade Estadual de Maringá.

Resumo: A cidade de Londrina, localizada no norte do Paraná e colonizada por empresa de capital inglês que explorava as terras da região, passa nas décadas de 60 e 70 por um significativo fenômeno de verticalização, época em que a ocupação do solo era ainda pequena para justificar o crescimento vertical. Porém, predominava o anseio por disseminar uma imagem de modernidade, aliado à fertilidade do solo e conseqüente enriquecimento de seus proprietários pela produção cafeeira. Este artigo apoia-se neste contexto e neste ideal, já descrito por pesquisadores locais aqui referenciados, com objetivo de demonstrar como um ideal pode traduzir-se em objetos concretos. Inicia-se pela contextualização do momento da cidade, ainda jovem. Em seguida, apresenta conceitos sobre habitação em edifícios verticais, visando elucidar sua essência para posterior comparação com o fenômeno local. Então, selecionando uma amostra de oito projetos, apresenta características da moradia através de quatro casas representativas do período, comparando com quatro apartamentos de edifícios verticais locais, dentro do mesmo recorte temporal. Este estudo comparativo não visa uma discussão metodológica, mas uma investigação, especificamente por meio de plantas e conforme análise de programa funcional e organização espacial, da hipótese de que em essência não havia grandes diferenças entre as duas tipologias habitacionais, mas que a questão fundamental tratava-se de uma posição de status por habitar um edifício alto e estar em sintonia com o apelo moderno.

Palavras-chave: Habitação, Verticalização, Apartamentos, Modernidade

Resumen: La ciudad de Londrina, ubicado en el norte de Paraná y colonizada por compañía de capital inglés que exploró las tierras de la región, enfrenta en las décadas del 60 y 70 un fenómeno de verticalización, momento de pequeña ocupación de la tierra para justificar el crecimiento vertical. Sin embargo, predominó la aspiración a difundir una imagen de modernidad, aliado la fertilidad de los suelos y el conseqüente enriquecimiento de sus propietarios por la producción del café. Este artículo se apoya en este contexto y en este ideal, ya descrito por los investigadores locales aquí se hace referencia, con el fin de demostrar cómo un ideal puede ser traducido en objetos concretos. Comienza por contextualizar el momento de la ciudad, aún joven. A continuación, presenta los conceptos acerca de la vida en edificios verticales, con el objetivo de dilucidar su esencia para posterior comparación con el fenómeno local. A continuación, seleccionando una muestra de ocho proyectos, presenta características de la vivienda a través de cuatro casas que representan el período, en el que se comparan con cuatro apartamentos de edificios verticales locales, en el mismo

recorte temporal. Este estudio comparativo no está destinado a la discusión metodológica, pero en una investigación, en particular por medio de los planes y de acuerdo con los análisis del programa funcional y organización espacial, de la hipótesis de que en esencia no existían grandes diferencias entre las dos tipologías residenciales, pero que la cuestión fundamental es la posición de que habitan en el edificio alto y estar en concordancia con el moderno.

Palabras-clave: Vivienda, Verticalización, Apartamentos, Modernidad

Abstract: *The city of Londrina, located in the north of Paraná and colonized by English capital company that explored the lands of the region, faces in the decades of 60 and 70 a significant phenomenon of verticalisation, time in which the occupation of the land was still small to justify the vertical growth. However, predominated the aspiration for disseminating an image of modernity, ally the fertility of the soil and the consequent enrichment of their owners by coffee production. This Article is supported by this context and in this ideal, already described by local researchers referenced here, with the aim of demonstrating how an ideal can be translated into concrete objects. It starts by contextualizing the moment of city, still young. Then, introduces concepts about living in vertical buildings, aiming to elucidate its essence for later comparison with the local phenomenon. Then, selecting sample of eight projects, presents characteristics of local homes through four houses representing the period, comparing with four apartments of local vertical buildings, within the same temporal interval. This comparative study is not aimed at a methodological discussion, but at an investigation, specifically by means of plans and according to analysis of functional program and spatial organization, of the hypothesis that in essence there were no big differences between the two residential typologies, but that the fundamental question was the position of status by inhabiting a tall building and being in concordance with the modern appeal.*

Keywords: Housing, Verticalization, Apartments, Modernity

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE APARTAMENTOS E CASAS DA CIDADE DE LONDRINA NAS DÉCADAS DE 60 E 70: O STATUS DE MORAR NAS ALTURAS

INTRODUÇÃO: A JOVEM CIDADE DE LONDRINA E SEU IDEAL DE MODERNIDADE

A cidade de Londrina, situada na região norte do Estado do Paraná, foi fundada na década de 30, por iniciativa da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, empresa de investimento de capital inglês. Segundo Suzuki (2011), precisamente em 1929, Arthur Thomas, diretor-gerente da Companhia, junto a uma comitiva, sai de Ourinhos, Sul do Estado de São Paulo, para ocupar as terras adquiridas na região. Chegando ao seu destino, área escolhida por tratar-se de espigão e contar com ausência de barreiras físicas significativas (RAZENTE apud SUZUKI, 2011) imediatamente inicia a derrubada da mata para estabelecer a primeira cidade da colonização no Norte do Paraná: Londrina, “Filha de Londres”, que viria a se tornar município oficialmente em 1934.

Londrina foi a primeira cidade projetada pela CTNP, dentre o conjunto das cidades implantadas com intervalos regulares no Norte do Paraná. Conforme Guadanhim (2002), caracterizava-se como “portal de entrada” para quem vinha de São Paulo. Funcionava como o centro de comercialização regional da produção agrícola, o que favoreceu seu desenvolvimento e consolidação como polo da região (RAZENTE apud GUADANHIM, 2002).

A CTNP, interessada sobretudo na comercialização das terras, criava forte imagem da região, com apologia ao progresso, atraindo compradores e incentivando a ocupação. Esse interesse encontrou forte aliado na fertilidade do solo, que gerava prosperidade às famílias que migravam para a região promissora. Foi essa conciliação da propaganda da CTNP e do enriquecimento pela cafeicultura que propiciou o rápido crescimento de Londrina (GUADANHIM, 2002).

Motivados pelo final da Segunda Guerra, imigrantes estrangeiros, mineiros ou paulistas, foram atraídos pelas oportunidades da jovem região. Muitos profissionais se estabeleceram na cidade em busca de campo aberto ao trabalho.

É importante destacar a forte relação de Londrina com São Paulo, cujas referências eram predominantes se comparadas aos laços do Norte do Paraná com a própria capital do Estado. A difusão de ideias, e, neste contexto, do ideal de modernidade, pode resultar de processos racionais ou imaginativos, nos quais outra cidade é adotada como modelo (REGO, 2012).

Este trabalho ampara-se neste contexto, já abordado por diversos pesquisadores londrinenses que aqui são constantemente referenciados, porém tem objetivo de contribuir ao demonstrar a busca pela imagem de modernidade através de um objeto específico: a unidade de apartamento.

Os resultados do enriquecimento gerado pela cultura cafeeira foram materializados em Londrina principalmente através das construções. Segundo Suzuki (2011), ocorria uma transferência de capital do meio rural para o meio urbano, modificando significativamente a fisionomia da cidade. A agricultura movimentava a economia nacional na primeira metade do século XX, mas seus frutos eram colhidos fora do campo: na construção de cidades e de sua imagem através das edificações. Guadanhim (2002) demonstra a materialização deste anseio pela sintonia com as tendências através da incorporação de características modernas nas casas londrinenses. Suzuki (2011) demonstra este mesmo espírito na construção dos edifícios verticais na cidade.

Essa investigação tem origem na observação da motivação para que esta verticalização ocorresse em meio a condições desfavoráveis, que serão apresentadas. Busca-se demonstrar os motivos através da análise de seus atores ou espectadores: as famílias, cujos hábitos e modos de morar refletiam o mesmo espírito de modernidade que buscavam para a cidade. Parte da hipótese de que morar em um edifício vertical moderno, abandonando a casa tradicional, tem justificativa neste anseio de imagem progressista.

Ao adotarmos a habitação como objeto para demonstrar tal fenômeno, com foco sobre os hábitos que envolvem o morar, é necessário compreender valores e costumes destes moradores. As referências ao modo de viver eram buscadas voluntariamente nos principais centros do país, no caso de Londrina, em São Paulo. Esse anseio por estar em dia com as práticas modernas reflete-se nos hábitos de

diversas formas: automóveis, faculdade de filosofia, cinemas, até mesmo na moda. Segundo Guadanhim (2002), havia um desejo de estar em consonância com determinado contexto, mesmo que alheio a sua própria cultura e conhecimento.

A demonstração do fenômeno de adoção de unidades de apartamento como nova tipologia de habitação, que surge com o próprio fenômeno da verticalização na cidade, será realizada neste trabalho através de um estudo comparativo entre aspectos funcionais de plantas de casas e apartamentos do mesmo período, selecionadas a partir das amostras dos trabalhos de Guadanhim (2002) e Suzuki (2011), seguindo critério de representatividade dos programas habitacionais predominantes na época. O estudo não pretende discutir um procedimento metodológico projetual, mas realizar um diagnóstico dos projetos comparados, detectando semelhanças entre as tipologias que reforcem a hipótese apresentada.

Foram selecionadas quatro casas e quatro apartamentos. O recorte temporal foi definido pelas décadas de 60 e 70, auge do crescimento da cidade e verticalização. As casas selecionadas têm datas de projetos um pouco anteriores aos apartamentos, demonstrando assim uma cultura de habitação da residência térrea que antecede e influencia a tipologia em análise: o apartamento. Optou-se por selecionar projetos de arquitetos e engenheiros diversos, de forma a apresentar uma visão geral do modo de morar. Primeiramente serão apresentadas as casas, com suas características gerais, demonstrando cultura e modos de morar nesta tipologia residencial. Em um segundo momento, apresentam-se os apartamentos, com características notavelmente derivadas da primeira tipologia. Por fim, as duas tipologias são aproximadas para demonstrar suas semelhanças.

Apontando os aspectos desfavoráveis à verticalização da cidade naquele momento, que mesmo assim não impediram que o fato ocorresse, pois traduziam motivação ainda maior que as dificuldades encontradas, e procurando demonstrar a semelhança entre os programas e espacialidade dos apartamentos com as casas, busca-se confirmar a hipótese de que morar em apartamentos estava completamente relacionado à apologia a uma vida moderna.

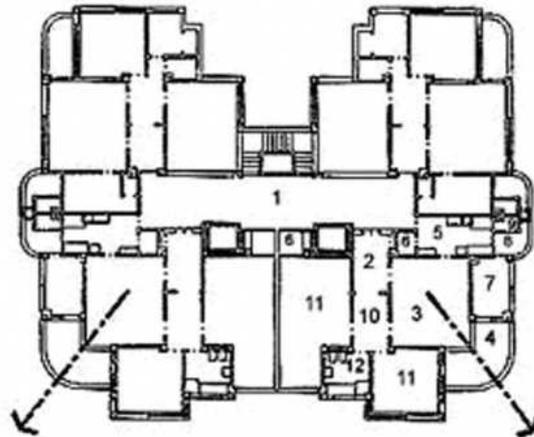
UMA ANÁLISE DA INTENÇÃO ORIGINAL DE VERTICALIZAÇÃO NO CAMPO DA HABITAÇÃO

Tendo em vista o tema Habitação e o foco em unidades de edifícios verticais, nos interessa uma breve compreensão do que estas unidades significavam na essência. Segundo Lemos (1976), em países de colonização europeia, o apartamento surge da necessidade de racionalização espacial, bem-vistos pela funcionalidade e utilidade. No Brasil, porém, a ideia de apartamento é difundida como solução para habitação da classe média, sendo necessário oferecer unidades aptas a substituir casas isoladas.

O apartamento europeu não era caracterizado por zoneamento interno. As cozinhas eram apêndices das salas, para onde os dormitórios abriam suas portas, circulações seriam desperdício de espaço. Não se cogitava acessos diferenciados para serviços e público, e seria considerada aberração um quarto próximo à cozinha. Lemos (1976) observa que havia denominações pejorativas, como “prateleiras de burgueses”, mas que os apartamentos eram bem aceitos, considerados úteis e indispensáveis, havendo consciência de seu propósito enquanto tipologia habitacional.

Mas não foi esse modelo, exatamente como em sua origem, que foi disseminado nas cidades brasileiras. Segundo Lemos, o brasileiro nunca aceitaria este tipo de solução. A nível nacional, tomaremos como exemplo o apartamento paulista, considerando ser sempre referencia mais próxima à cidade de Londrina. Um dos primeiros exemplares de edifícios verticais para habitação é o Edifício Columbus (Figura 01), projeto de Rino Levi de 1930, no qual o arquiteto propunha examinar, no seu verdadeiro aspecto e sem preconceitos de forma, o problema de abrigar numerosas famílias e de ofertar-lhes o maior conforto possível (LEMOS, 1979).

Figura 01: Pavimento tipo Edifício Columbus, Av. Brigadeiro Luiz Antônio, São Paulo, arquiteto Rino Levi, 1930.



Fonte: Villa (2010)

Segundo Lemos, em 1916 surge o primeiro edifício de apartamentos em São Paulo, projetado pelo engenheiro Samuel das Neves, porém era destinado a homens solteiros e viúvos e não contemplava cozinha. Em 1922 surge o primeiro edifício de apartamentos para famílias, projetado pelo engenheiro Raul Simões, aos moldes dos modelos parisienses, na esquina das ruas Dom José de Barros com Vinte e quatro de Maio. A partir de então, surgem outros como Ed. Martinelli, J. Moreira e Casmar. A partir de 1949 foram construídos apartamentos econômicos no centro da cidade, conhecidos como apartamentos “já-vi-tudo”, objetos de preconceito e mal-vistos pela população. Com reduções das áreas dos ambientes consideradas ridículas, criticava-se os apartamentos que se caracterizavam-se por “amontoados de cubículos”, desmoralizando completamente a palavra funcional e a dignidade humana. (LEMOS, 1976).

De fato, como aponta Lemos, os hábitos e desejos das classes definiam os programas e partidos dos prédios de apartamentos. Considerava-se um sacrifício morar neste tipo de unidade, portanto, as famílias esperavam ser compensadas com a oferta de máximo conforto. Em São Paulo, era importante que os prédios de apartamentos se diferenciasssem dos cortiços, havia grande preconceito a respeito da habitação coletiva, precisava-se alardear que o apartamento era casa de família, casa de respeito (LEMOS, 1976).

Desta forma, os apartamentos brasileiros agregam características incomuns a outras localidades, pois, como explica o arquiteto Sérgio Bopp, culturalmente exigia-se que mantivessem certas características da arquitetura residencial unifamiliar (BOPP

apud SUZUKI, 2011). A moradia deveria ser completa e todos estes ambientes deveriam estar organizados em três setores: Social, Serviço e Íntimo (LE MOS, 1976).

Há, entretanto, uma característica particularmente brasileira que se destaca no campo da habitação em geral: a separação dos acessos e a existência de uma dependência para empregados. Herança da colonização, segundo Lemos (1976) esta característica demonstra as marcas da escravidão, pois a ignorância garantia aos ex-escravos unicamente a “passagem de serviço” da casa, e posteriormente do apartamento burguês.

Lucio Costa tratava desta característica atribuindo ao escravo o próprio funcionamento das casas no período colonial (COSTA apud GUADANHIM, 2002). Ainda nas casas modernas, o empregado é considerado no programa de necessidades, agora com os espaços das edículas. Nos apartamentos, este setor não deixa de existir, apenas materializa-se em acessos distintos aos de público e pequenos quartos e instalações sanitárias, isolados após a cozinha, em contato com a área de serviço, fazendo total referência à solução das casas térreas.

CARACTERÍSTICAS DA HABITAÇÃO EM LONDRINA: AS CASAS TÉRREAS

Guadanhim (2002) explica que na cidade de Londrina a casa típica não passou pela fase da casa brasileira colonial, pois a cidade nasce em um momento em que as metrópoles já estão em processo de modernização. Desta forma, as primeiras casas de Londrina apresentavam traços provenientes dos modos de morar das localidades originais de seus imigrantes, mas também já pertenciam à outra época. Em Londrina, portanto, as casas já surgem “soltas das amarras coloniais”, com recuos, abrigo de automóveis, setorização, e até mesmo com novas técnicas construtivas.

Com referências da modernidade, as casas passam a apresentar mudanças em seus partidos e programas: valoriza-se o lazer, a copa surge como ambiente de convívio familiar, recuos garantem salubridade, jardins e alpendres favorecem a convivência em área externa.

Essas características da moradia londrinense podem ser percebidas na análise de alguns projetos do período. Dentre dezenas de projetos apresentados por

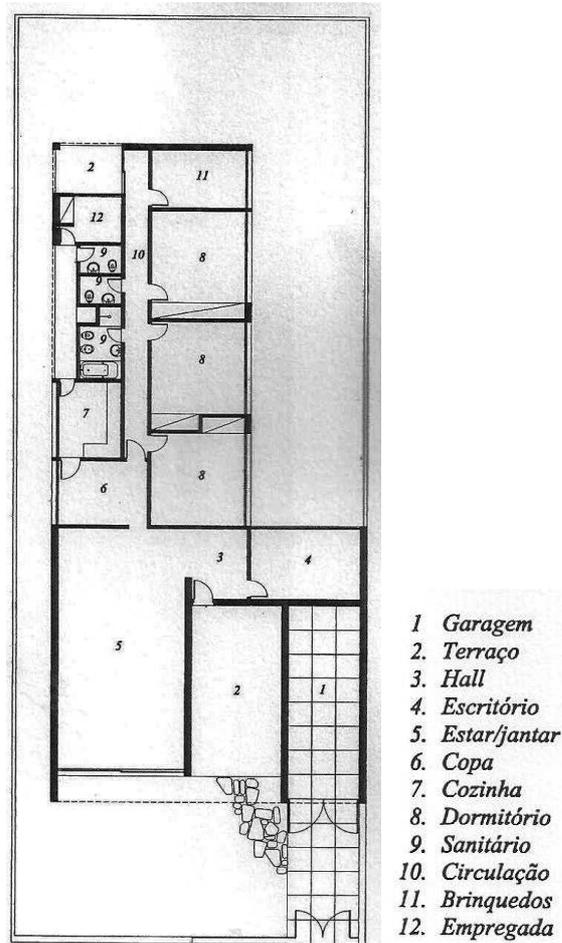
Guadanhim, foram selecionadas quatro casas térreas para ilustrar as características das residências do período em análise.

Em 1952 é aprovado o projeto da casa Milton Menezes, projetada pelo arquiteto paulista Vilanova Artigas para o antigo prefeito, em ocasião de seus contatos com Londrina para projetos de obras como Rodoviária (1948/52), Cine-teatro Ouro Verde (1950/52) e Edifício Autolon (1950/51), projetos que vinham fortalecer a imagem de modernidade da cidade. Esta primeira casa aqui apresentada tem importância por sua autoria e pelos princípios que difunde em outras casas da cidade.

Neste projeto (Figura 02), identifica-se claramente a valorização da área social, a privacidade da área íntima e o setor de serviços isolado, embora incorporado ao corpo da casa, com acesso independente e ligação com o quintal. Alguns ambientes fogem ao programa convencional: escritório, quarto de brinquedos e copa, demonstrando hábitos dos moradores. A copa merece destaque por ser ambiente presente na maioria das casas do período, como espaço de articulação dos setores, onde ocorriam as atividades da família.

Observa-se a concentração das áreas molhadas, a ausência de suíte, e a solução de dois sanitários sociais na ala íntima: um deles completo, outro com caráter de apoio. A cozinha é pequena e racional. O abrigo de veículos presente. Nota-se valorização da circulação da área íntima pela iluminação natural. Apesar de pequenas inovações, percebe-se comedimento do arquiteto na inserção de ideias modernas, em respeito aos hábitos locais (GUADANHIM, 2002).

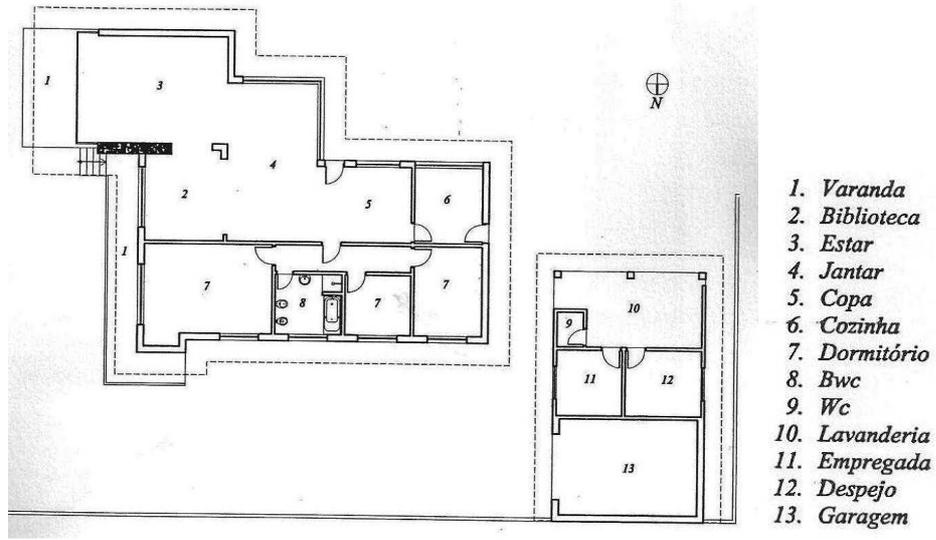
Figura 02: Planta da Casa Milton Menezes, Londrina, arquiteto Vilanova Artigas, 1952.



Fonte: Guadanhim (2002)

Ainda em 1952, destacamos a casa Evaldir Bordin, projetada pelo engenheiro Elízio Felli. Trata-se de reforma em ampla casa térrea, com demolições que proporcionam fluidez espacial (Figura 03). Também é evidente a setorização, sendo o setor de serviços concentrado em edícula junto ao abrigo de veículos, solução típica nas casas londrinenses. Encontra-se a mesma solução “jantar-copa-cozinha” da casa Milton Menezes. No setor íntimo há único sanitário, para atender toda família. Também apresenta uma biblioteca.

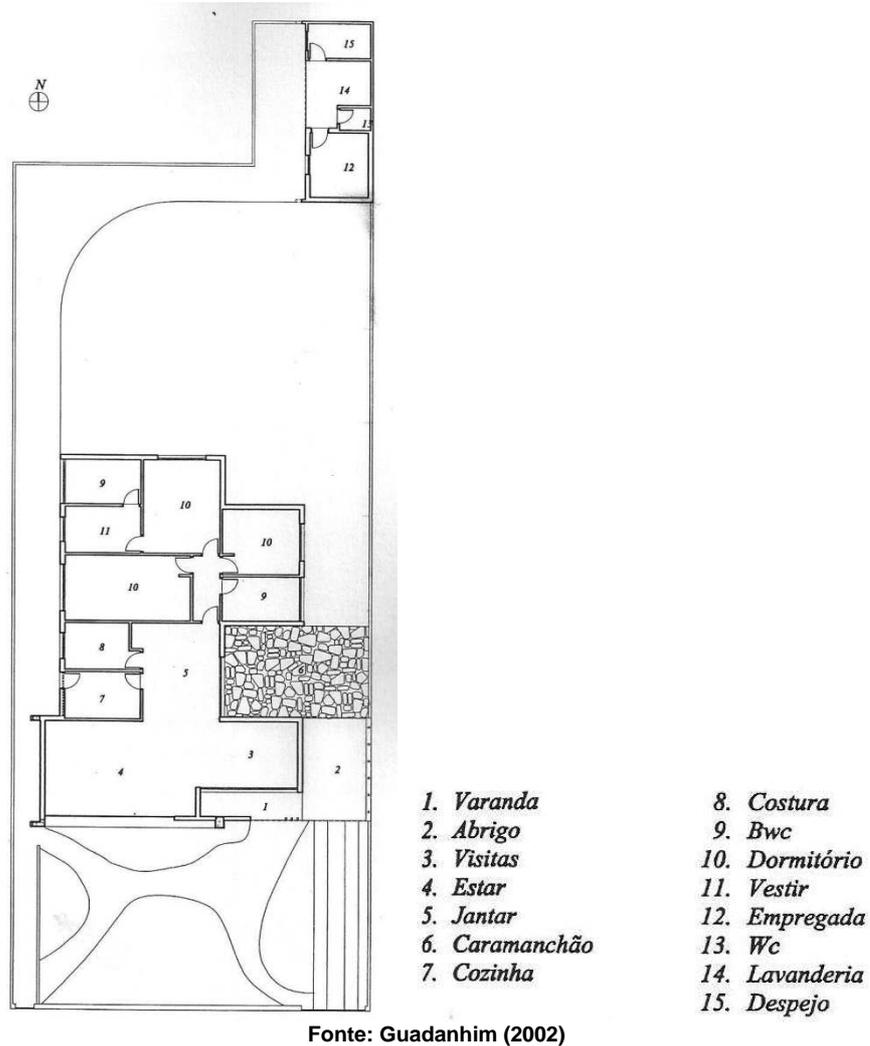
Figura 03: Planta da Casa Evaldir Bordin, Londrina, eng. Elízio Felli, 1952.



Fonte: Guadanhim (2002)

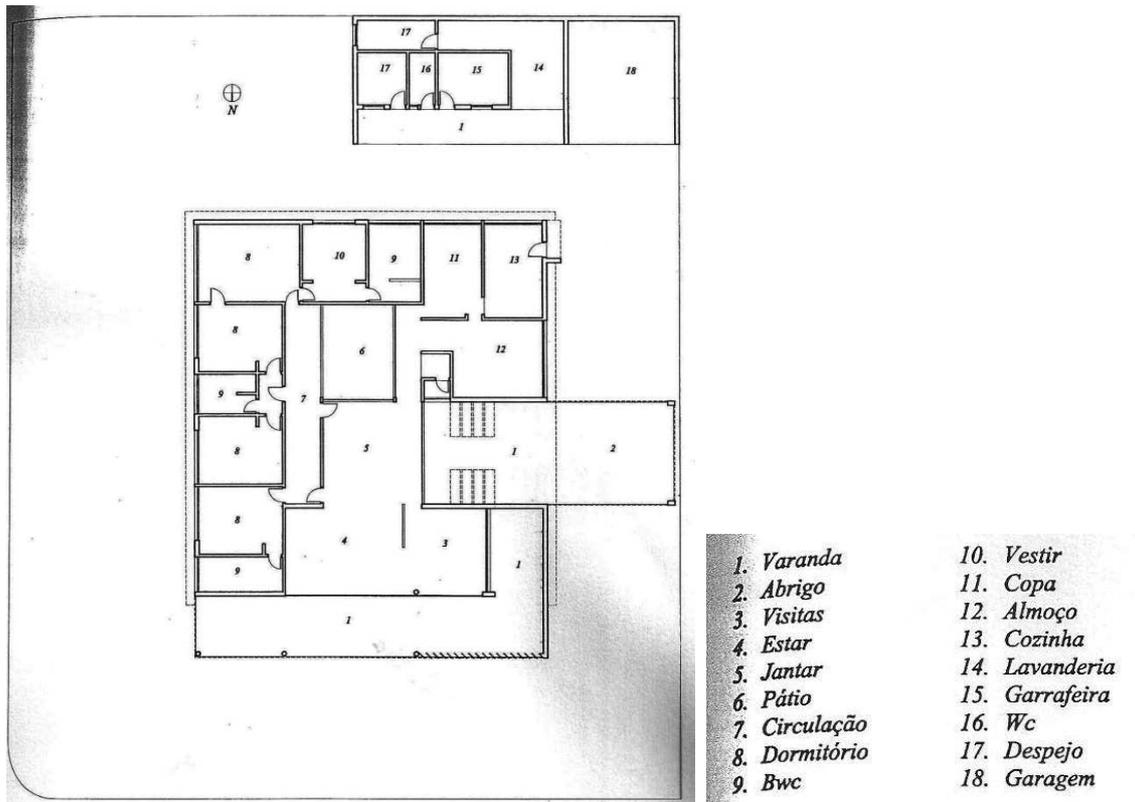
Em 1958, foi projetada a casa Paulo Luis Menegazzo, pelo engenheiro Américo Sato e Rômulo Veronesi. Mantém os três setores, salas diversas e integradas, e edícula de serviços. Na ala íntima surge a suíte e ambiente de vestir. Como diferencial de programa, há um ambiente de costura. Não apresenta copa, sendo a sala de jantar conectora dos setores (Figura 04).

Figura 04: Planta da Casa Paulo Luis Menegazzo, Londrina, eng. Américo Sato e Rômulo Veronesi, 1958.



A última casa selecionada trata-se da Casa Calil Sayão, projetada em 1959 pelo engenheiro Milton Gavetti. Maior casa do grupo apresentado, mantém as características programáticas: três setores, salas conjugadas e dependência de serviços (Figura 05). Esta casa conta com Pátio Interno, duas Suítes, ambiente de vestir, uma inédita demi-suíte, sala de Jantar, Copa e sala de Almoço. Embora contemple maior número de ambientes, setorização e fluxos se assemelham as outras casas apresentadas. Edícula abriga serviços e automóveis.

Figura 05: Planta da Casa Calil Sayão, Londrina, eng. Milton Gavetti, 1959.

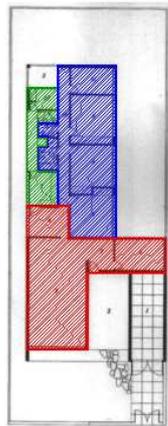


Fonte: Guadanhim (2002)

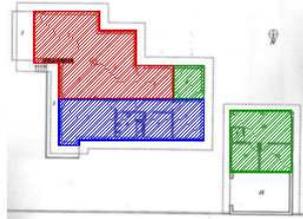
Apresentadas as quatro casas e analisadas através de suas plantas, observa-se características recorrentes, que refletem modos de viver das famílias londrinenses no período. Predominam setorização em três áreas (Figura 06); privacidade à área íntima; edícula abrigando serviços e veículos, geralmente separada do corpo principal da casa, mas quando associada a ele, com acessos independentes e conexão apenas com cozinha (Figura 07); a relação “jantar-copa-cozinha”; o único banheiro social amplo, com raras suítes; importante relação visual com a rua, muitas vezes representadas por varandas.

Observa-se variação na dimensão total das casas, que depende muitas vezes do tamanho de lotes. Tal fator também será variável na tipologia de apartamentos. Portanto, a comparação não se apoia neste critério, mas nas questões funcionais e espaciais identificadas.

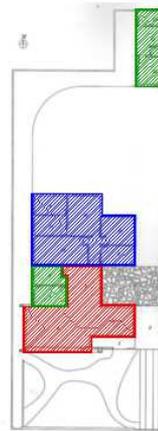
Figura 06: Setorização nas plantas das casas.



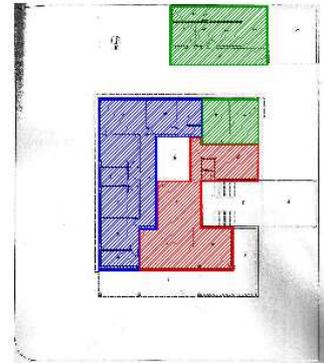
1952
Casa Milton Menezes
arq. Vilanova Artigas



1952
Casa Evaldir Bordin
eng. Elizio Felli



1958
Casa Paulo Luiz Menegazzo
eng. Américo Sato /
Romulo Veronesi



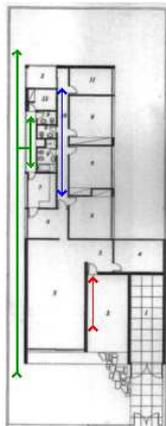
1959
Casa Calil Sayao
eng. Milton Gavetti

LEGENDA SETORES

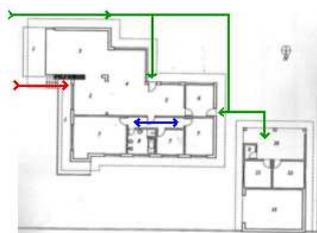
- ▨ SOCIAL
- ▨ SERVIÇOS
- ▨ ÍNTIMO

Fonte: Plantas base Guadanhim (2002). Análise da Autora.

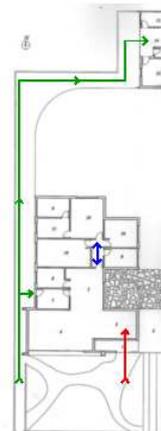
Figura 07: Acessos e Fluxos nas plantas das casas.



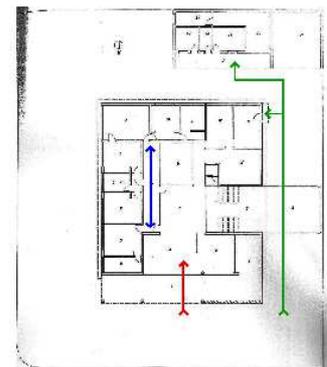
1952
Casa Milton Menezes
arq. Vilanova Artigas



1952
Casa Evaldir Bordin
eng. Elizio Felli



1958
Casa Paulo Luiz Menegazzo
eng. Américo Sato /
Romulo Veronesi



1959
Casa Calil Sayao
eng. Milton Gavetti

LEGENDA ACESSOS E FLUXOS

- SOCIAL
- SERVIÇOS
- ÍNTIMO

Fonte: Plantas base Guadanhim (2002). Análise da Autora.

Embora o foco do artigo esteja na verticalização como representação da modernidade, sendo o apartamento figura principal nesta demonstração, a análise das casas proporciona base para compreensão da habitação. As características apontadas persistem nas unidades de apartamentos que serão apresentadas a seguir.

CARACTERÍSTICAS DA VERTICALIZAÇÃO EM LONDRINA: OS APARTAMENTOS

Ao final da década de 50, com a ascensão da cotação cafeeira no mercado externo, a fisionomia da cidade começava a se modificar (SUZUKI, 2011). Em 1949 surge o edifício EBC, primeiro edifício vertical em Londrina, projetado pelo arquiteto Philipp Lohbauer. Em seguida, Artigas projeta o edifício Autolon (1950). O comerciante libanês Salim Sahão constrói, em 1952, com o que chamou de “primeiro arranha-céu de Londrina”, um complexo comercial, residencial e hoteleiro. Desta forma, a elite local promovia a cidade com visão de futuro.

Londrina, no entanto, não apresentava condições propícias a tamanho desenvolvimento. Em primeiro lugar, havia extrema limitação de recursos. Há relatos de que os edifícios se elevavam em meio a ruas sem asfalto, sem energia elétrica suficiente, nem sistema de saneamento básico (CASTELNOU, 2002). Na construção do Edifício Sahão, “o hotel dispunha de elevadores, mas a cidade não possuía energia suficiente para fazê-lo operar” (SUZUKI, 2011, p. 48). Projetos arquitetônicos eram geralmente encomendados a escritórios dos grandes centros, e os projetistas não visitavam o local. Na construção do Autolon, Artigas relata que “o desafio existia até mesmo do ponto de vista técnico. O concreto tinha de ser trazido de São Paulo” (ARTIGAS apud CASTELNOU, 2002, p. 134).

Outra questão contraditória à verticalização neste período era a própria Legislação Urbanística. Em 1951 Prestes Maia é contratado para elaboração da Lei 133. Em um primeiro momento, a Lei não favorecia a verticalização, limitando altura das edificações a sete pavimentos, incentivando assim o crescimento horizontal da cidade. Porém, havia brecha para aumento do gabarito, que em 1963 culmina em reformulação da Lei para permitir maior verticalização na área central (SUZUKI, 2011). Segundo Yamaki, dificilmente poderia se justificar a verticalização pela carência de espaço, ou como alternativa economicamente interessante, a questão

era mais simbólica: “Falava-se muito da maior estrutura de concreto, o prédio mais alto do mundo” (YAMAKI apud SUZUKI, 2011, p. 52). Castelnou (2002) menciona que nos anos 50, enquanto os cafezais cobriam as terras, não se podia mais ver o horizonte, por causa dos vários prédios construídos.

O fato é que Londrina encontra na verticalização instrumento para representação da imagem de modernidade. Suzuki demonstra que entre 1946 e 1949 os valores fundiários dos lotes centrais foram determinantes para incentivo da verticalização, que tem interrupção nos anos 1954 a 1957 em função de duas geadas nos cafezais (1953 e 1955), mas retoma com vigor até o início da década de 80.

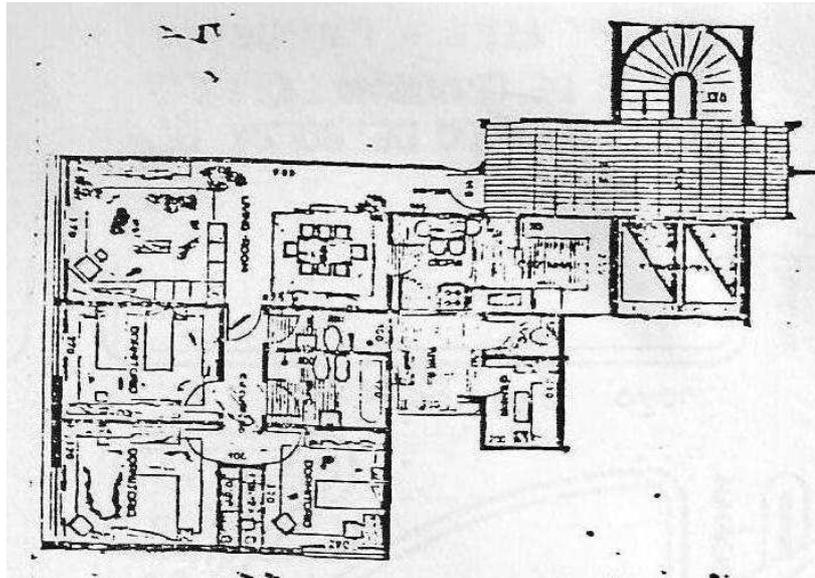
Baseada neste fenômeno de verticalização, a adoção das unidades de apartamentos como objeto de análise demonstra a nova forma de morar da população londrinense. Foram selecionados quatro apartamentos que representam programas desta tipologia no período das décadas de 60 e 70.

O primeiro edifício selecionado é o Edifício Cíntzia, projetado em 1961 pelo arquiteto Sérgio Bopp e pelo engenheiro Américo Sato, este responsável pela casa Paulo Luis Menegazzo, projetada três anos antes. O apartamento do edifício Cíntzia adota setorização em três áreas, comum às casas térreas, acessos independentes para setores Social e Serviços, salas integradas, dependência de empregada e não conta com suíte, mas com banheiro social completo e outro adicional na área íntima (Figura 08).

Segundo arquiteto Sérgio Bopp, nos anos 60 mudar para um edifício vertical era menos uma questão de necessidade ou segurança que um símbolo de ascensão econômica, mas que esta mudança da casa térrea para o apartamento não era feita sem concessões: exigia-se salas e dormitórios de grandes dimensões, cozinha de forma quadrada para abrigar mesa de refeições, ainda que existisse a sala de jantar, e terraços amplos que amenizassem a sensação de confinamento (BOPP apud SUZUKI, 2011).

Américo Sato descreve que “o que importava era a racionalidade na distribuição espacial: delimitar claramente os setores e interligá-los através de circulações”, princípio elementar que não se difere das casas térreas (SATO apud SUZUKI, 2011, p. 68).

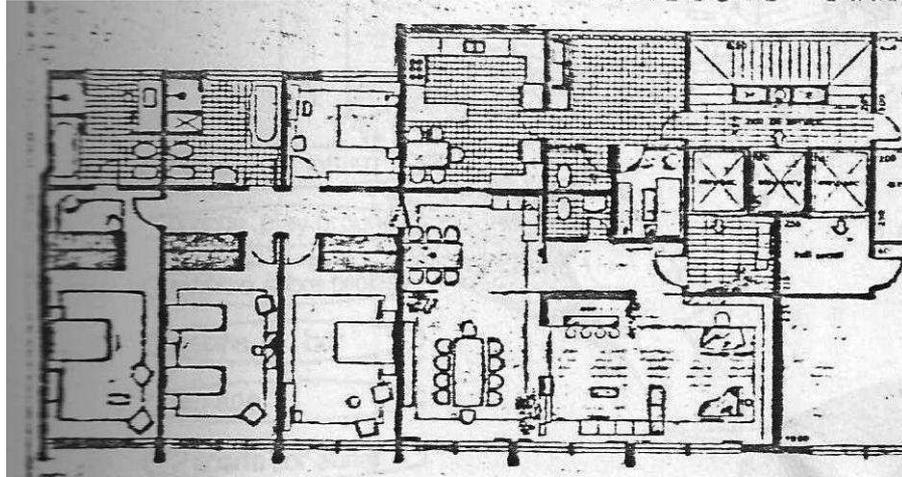
Figura 08: Apartamento do Edifício Cíntia, Londrina, arq. Sérgio Bopp e eng. Américo Sato, 1961.



Fonte: Anami (1987)

Projetado em 1962, o Edifício Santa Mônica, o segundo desta seleção, trata-se de um dos únicos edifícios de uso exclusivamente residencial do período. Também executado pelo engenheiro Américo Sato, mas desta vez em parceria com o arquiteto Luis César Silva, é constituído por dois amplos apartamentos por andar (Figura 09). Na área Íntima, apresenta quatro quartos, um deles suíte, o que o aproxima ainda mais das plantas de residências amplas. Na área social, conta com diversas salas integradas, sem economia de espaço, e inclusive copa, além da sala de jantar, como conexão entre setores. Há acessos ambientes para área social e serviços, além da rigorosa separação entre setores. No setor de serviços, ampla cozinha, com quarto e banheiro para empregada. Este edifício conta com elevador social que acessa hall privativo do apartamento, remetendo ao alpendre de acesso às casas térreas.

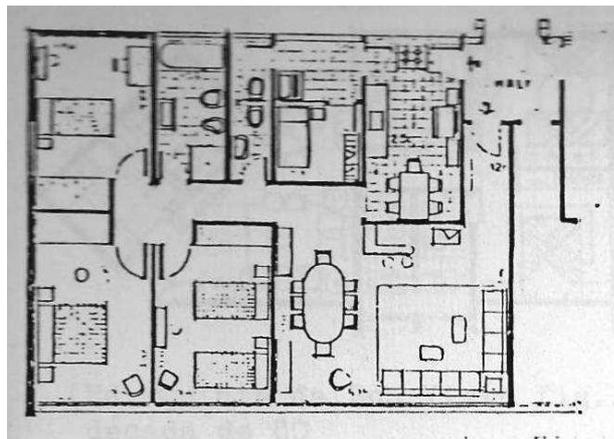
Figura 09: Apartamento do Edifício Santa Mônica, Londrina, arq. Luis César Silva e eng. Américo Sato, 1962.



Fonte: Anami (1987)

Outro apartamento selecionado é do Edifício Tuparandi, projetado em 1963 pelo arquiteto Luis César Silva. Com área reduzida se comparado aos exemplos anteriores, mantém as mesmas características de setorização, acessos e programa, demonstrando que estas características persistem em casas e apartamentos, independente de áreas construídas (Figura 10).

Figura 10: Apartamento do Edifício Tuparandi, Londrina, arq. Luis César Silva, 1963.



Fonte: Anami (1987)

O último projeto selecionado é o apartamento do Edifício Ribeiro Pena, projetado em 1967 pelo arquiteto Sérgio Bopp em parceria com o engenheiro José Augusto Queiroz. O apartamento apresenta também clara setorização (Figura 11). No setor

social é possível observar a sala integrada que, assim como os dormitórios, relaciona-se diretamente com a varanda, como forma de substituição os quintais. Preserva-se acessos independentes à área social e de serviço. A edícula esta agora representada pelo setor de serviços anexo a cozinha, com quarto e sanitário. A área íntima permanece isolada, sem suíte, porém com sanitário completo e amplo além do lavabo.

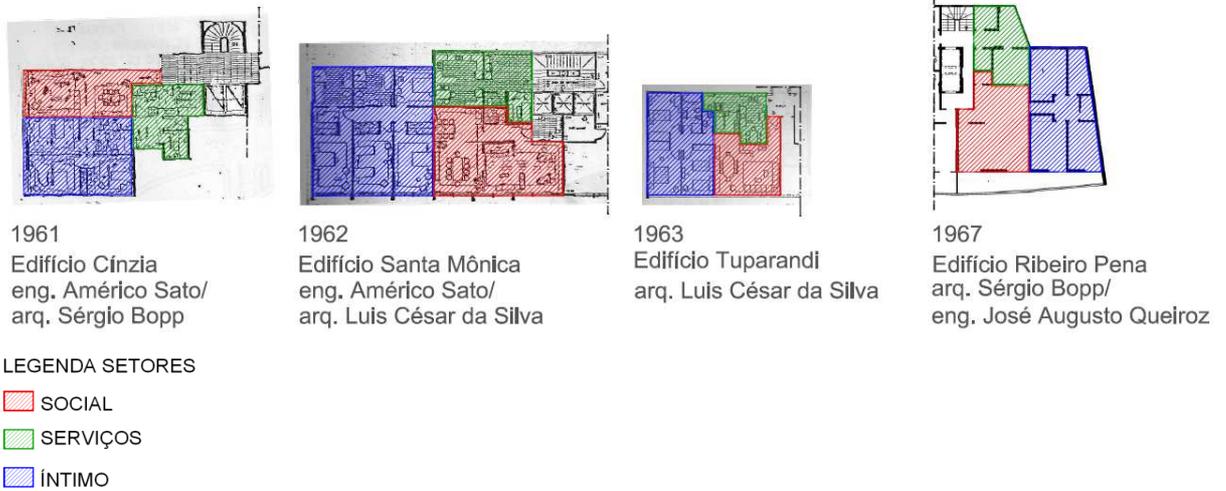
Figura 11: Apartamento do Edifício Ribeiro Pena, Londrina, arq. Sérgio Bopp e eng. José Augusto Queiroz, 1967.



Fonte: Suzuki (2007)

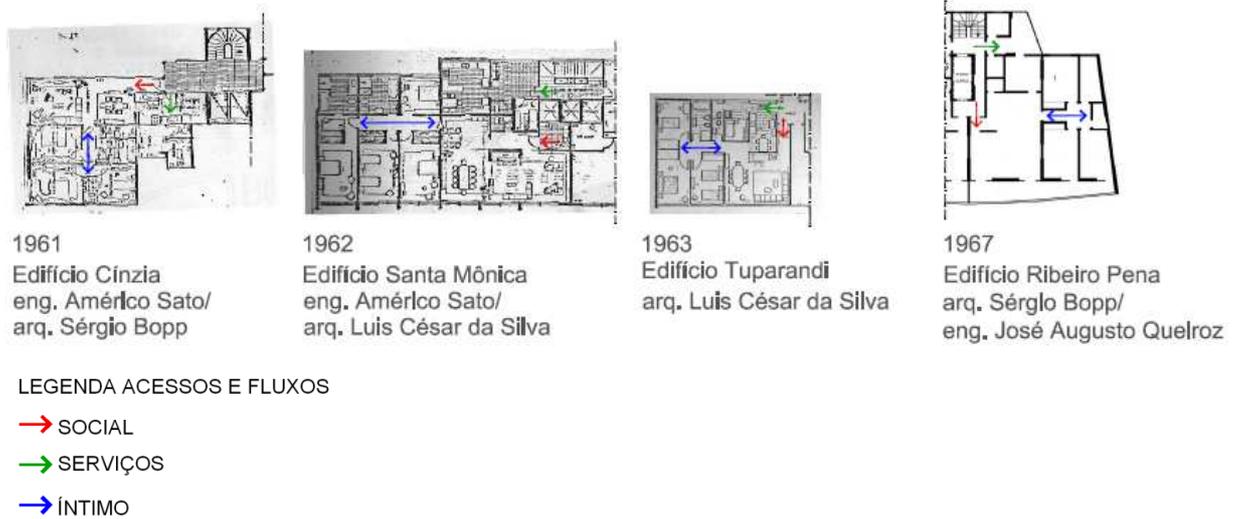
Apresentadas as plantas dos quatro apartamentos selecionados, sintetiza-se a setorização em três zonas (Figura 12) e os acessos independentes, além de isolamento do setor íntimo (Figura 13), mesmas características evidenciadas nas residências.

Figura 12: Setorização nas plantas dos apartamentos.



Fonte: Plantas base Anami (1987) e Suzuki (2007). Análise da Autora.

Figura 13: Acessos e Fluxos nas plantas dos apartamentos.



Fonte: Plantas base Anami (1987) e Suzuki (2007). Análise da Autora.

**APROXIMAÇÃO ENTRE AS PLANTAS DE CASAS E APARTAMENTOS:
IDENTIFICAÇÃO DA REAL MOTIVAÇÃO PARA VERTICALIZAÇÃO**

A hipótese de que se buscava uma imagem de modernidade e status ao aderir à nova tipologia de habitação se fortalece com a comparação de características das casas e dos apartamentos. Resumem-se aqui os principais pontos de semelhança com base nas características gerais dos exemplos citados.

Em primeiro lugar, a característica da setorização em três zonas é evidente, tanto nas casas como nos apartamentos. Os acessos independentes para área social e de serviços também aparecem em todos os casos (Figura 14).

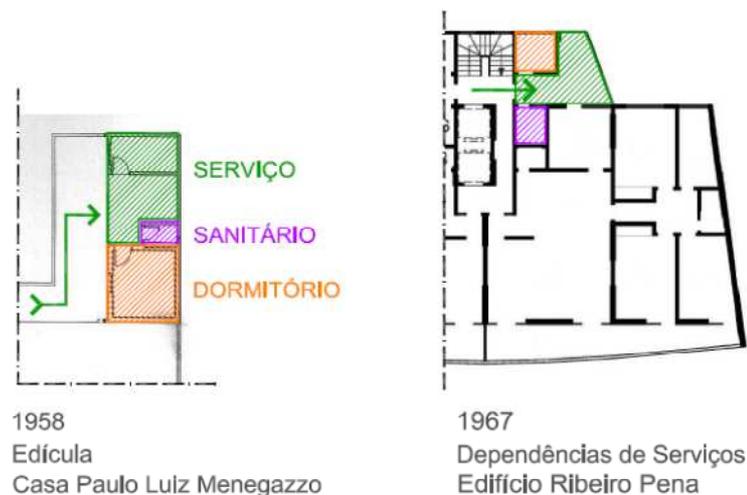
Figura 14: Comparação de Setorização e Acessos da Casa Calil Sayão e Apartamento do Ed. Santa Mônica.



Apesar de variações de áreas totais entre exemplos das duas tipologias, há um equilíbrio nas proporções entre setores, dentre os quais o serviço corresponde ao menor percentual, e os sociais e íntimos são praticamente equivalentes. O setor íntimo compreende sempre a circulação de distribuição aos dormitórios e sanitários, que significa área adicional, mas é considerado essencial para o bom funcionamento dos fluxos e privacidade do setor.

Outro fator relevante na comparação é a adaptação da edícula de serviços para as dependências de empregada nos apartamentos. Embora compactada, esta função não é suprimida, refletindo manutenção de hábitos e padrões da sociedade (Figura 15).

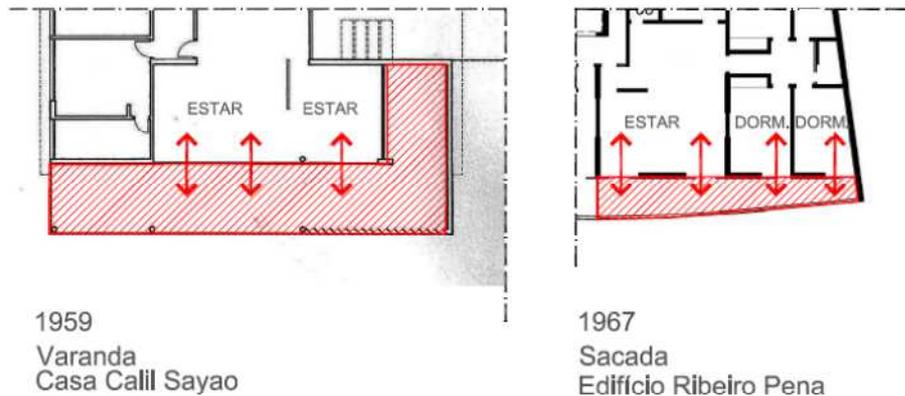
Figura 15: Comparação do Setor de Serviços da Casa Paulo Luiz Menegazzo e Apartamento do Ed. Ribeiro Pena.



Fonte: Plantas base Guadanhim (2002) e Suzuki (2007). Análise da Autora.

Com relação às áreas externas nos apartamentos, buscava-se contato e, principalmente, a vista privilegiada através das sacadas, que nesta tipologia aparecem como substitutas das varandas das casas térreas (Figura 16).

Figura 16: Comparação entre Varanda na Casa Calil Sayão e Sacada no Apartamento do Ed. Ribeiro Pena.



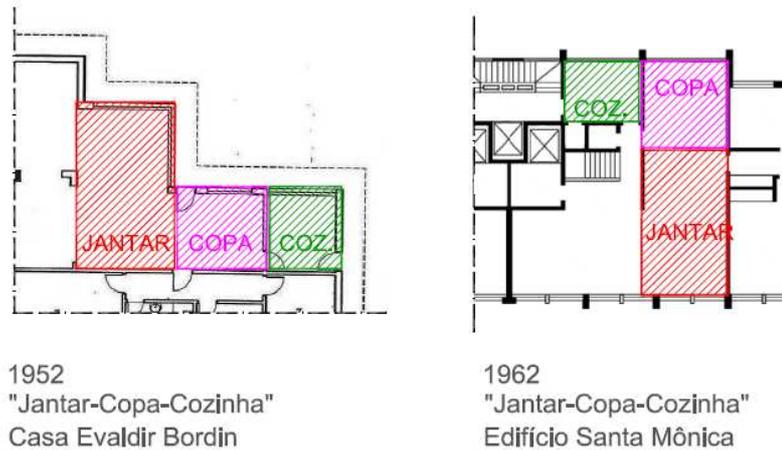
1959
Varanda
Casa Calil Sayao

1967
Sacada
Edifício Ribeiro Pena

Fonte: Plantas base Guadanhim (2002) e Suzuki (2007). Análise da Autora.

Um último ponto de comparação é a conexão do setor social com o setor de serviços, que ocorre através da relação “jantar-copa-cozinha”. Esta solução não condiz com preceitos de racionalidade de área, porém é encontrada tanto em casas como em apartamentos (Figura 17).

Figura 17: Comparação da relação “jantar-copa-cozinha” na Casa Evaldir Bordin e Apartamento do Ed. Santa Mônica.



1952
"Jantar-Copa-Cozinha"
Casa Evaldir Bordin

1962
"Jantar-Copa-Cozinha"
Edifício Santa Mônica

Fonte: Plantas base Guadanhim (2002) e Suzuki (2007). Análise da Autora.

CONCLUSÃO

Morar em casa ou morar em apartamento? Esta pergunta recorrente sobre a moradia no contexto atual, em que preza-se pela segurança e praticidade, tinha em Londrina e no período analisado outro pano de fundo e outras motivações.

Apoiando-se na verticalização como expressão de uma imagem de modernidade para a cidade de Londrina, podemos compreender a difusão deste ideal sob dois pontos de vista. Primeiro, como uma importação de modelos dos grandes centros urbanos, mais especificamente modelos de apartamentos residenciais, mas também modelos de hábitos, valores e modos de vida. Também, podemos compreender a ideia de disseminação como exportação, e neste sentido de uma imagem moderna, de uma publicidade para divulgação do caráter inovador e promissor da própria cidade.

Partindo de uma contextualização do surgimento da cidade, da compreensão de conceitos de verticalização e habitação, de influências e referências que Londrina buscava para si própria, adota-se objetos concretos que materializavam o ideal da cidade. A comparação entre plantas de casas e de apartamentos permite identificar pontos em comum, soluções adotadas em resposta ao modo de morar do londrinense, quer seja em uma ou em outra tipologia.

Este trabalho propôs um estudo comparativo a partir de aspectos funcionais de duas tipologias em voga na cidade naquele período e, sem pretender discutir um procedimento metodológico, limitou-se a um diagnóstico. Assim, a partir da análise gráfica dos projetos, é possível demonstrar que os hábitos relativos à moradia não se modificavam na tipologia moderna do apartamento. Este era adotado pela população desde que atendesse às mesmas necessidades programáticas de uma casa, expressando por sua vez a imagem que a cidade desejava difundir.

Conclui-se, ainda, que fatores como a contratação de profissionais, sejam engenheiros ou arquitetos, para elaboração de projetos exclusivos, a aquisição de grandes lotes, em sua maioria lotes duplos, que permitiram a construção de apartamentos espaçosos como casas isoladas, e a localização central dos projetos apresentados, reforçam a demonstração do alto poder aquisitivo dos proprietários e do status social no período abordado.

É possível, portanto, compreender o caráter da cidade e sua importância para o Norte do Paraná, bem como os anseios que direcionaram aqui a prática projetual em arquitetura nas décadas de 60 e 70, e direcionam até os dias de hoje.

Referências

ANAMI, F. Y. **Arquitetura de Papel**. Trabalho Final de Graduação, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Londrina, 1987.

CASTELNOU, A. **Arquitetura Londrinense: Expressões de Intenção Pioneira**. Londrina: Atrito Art Editorial, 2002.

GUADANHIM, S. J. **Influência da Arquitetura Moderna nas Casas de Londrina: 1955-1965**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2002.

LEMOS, C. A. C. **Cozinhas, etc. Um estudo das zonas de serviço da Casa Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

LEMOS, C. A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

REGO, R. L. **Importing planning ideas, mirroring progress: the hinterland and the metropolis in mid-twentieth-century Brazil**. *Planning Perspectives*, 27, 4, 2012a, p. 625-634.

SUZUKI, J. H. **Idealizações da Modernidade: Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2007.

SUZUKI, J. H. **Idealizações da Modernidade: Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969**. Londrina: Kan, 2011.

VILLA, S. B. **Um breve olhar sobre os apartamentos de Rino Levi: produção imobiliária, inovação e a promoção modernista de edifícios coletivos verticalizados na cidade de São Paulo**. *Arquitextos*, junho de 2010. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3437>. Acessado em 04/06/2013.